

A “PRATICIDADE” E O “DESPERTAR” DO PORTUGUÊS

15
aula

META

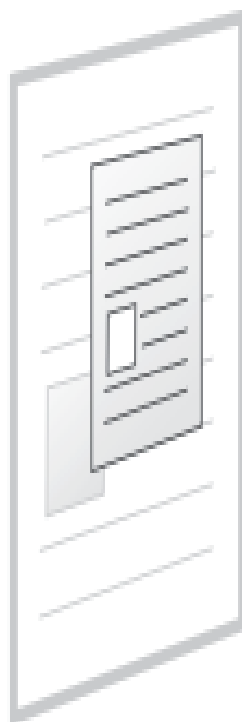
Demonstrar de forma clara o mundo de pertencimento do colonizador europeu.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o(a) aluno(a) deverá saber distinguir os mundos de pertencimento dos três atores da colonização brasileira: os europeus, os jesuítas, os índios e os mamelucos.

PRÉ-REQUISITOS

Ter assimilado o conteúdo das aulas 11 a 14.



Português em contato com indígena, pintura de João Ramalho (Fonte: <http://www.mofra.org.br>).

Estimada aluna ou caro aluno: citamos na lição 14, no comentário 6, a seguinte frase: “Tolasas refere-se que brancos vindos com os padres estavam a serviço do demônio”. Nada mais acrescentou este autor no tocante às intenções desses brancos.

INTRODUÇÃO

Na parte final da lição 15, começamos a mencionar que havia projetos diferenciados no tocante à colonização dos índios do Rio Real.

Os jesuítas apostavam nas missões e se esforçavam em propagandear que a missão seria o melhor caminho para colonizar os índios selvagens. Os brancos, tidos como maus entre os índios, já vinham empreendendo seu projeto de conquista daquelas terras, usando a violência, capturando os índios, transformando-os em escravos e ocupando suas terras. Usavam como modo de ação a guerra, gerando mais conflitos na região.

Agora, observe: lembra da citação que fizemos de Freire, sobre a diferença das duas colonizações, na lição 9? Reestude aquela lição, caso não recorde.

Vamos tentar compreender esses dois projetos como diferentes e ao mesmo tempo semelhantes. Entenda que os sujeitos envolvidos fizeram parte de um mesmo tempo, de uma só cultura: a portuguesa.



Guerra entre portugueses e índios (Fonte: <http://www.cervantesvirtual.com>).

Quando falamos do modo de ser europeu de forma homogênea, estamos cometendo os mesmos erros de quando pensamos os índios como tendo uma única cultura.

Recorda do que mencionamos sobre o modo de ser tupinambá e a generalização dos outros índios, como “tapuias”, na lição 05? (Reveja aquela lição).

A percepção dos portugueses procurava organizar as “terras descobertas” a partir dos seus pressupostos culturais. Eles, como os demais povos europeus, herdaram um legado greco-romano e medieval que proporcionava escrever fantasias e realidades em seus relatos de viagens. O novo continente aproximava-se das fronteiras conhecidas do imaginário europeu. Os aventureiros na América encontraram inúmeros indícios de um mundo muito conhecido por eles na literatura de viagem. Esse imaginário europeu procura racionalizar os outros, os mundos distantes, a homens e comunidades perdidos na imensidão.

O que marca a diferença dos portugueses para os demais povos europeus, se todos eles tinham em comum esse legado greco-romano e medieval? Se com esse legado racionalizavam os outros, os índios, o mundo?

A racionalização do outro se diferenciava em Portugal dos demais países. Uma das diferenças estava no suavizar as fantasias sobre as terras conhecidas. De acordo com Ronaldo Raminelli, em *O índio e o renascimento português*, colono português “mitigou” a visão fantástica do Novo Mundo, possuindo senso utilitário e pouco chegado a perseguir quimeras”. Nesse sentido, os colonos e viajantes portugueses foram mais dedicados ao comércio do que afoitos em encontrar eldorados. O autor cita como exemplo a narrativa de Gabriel Soares de Sousa, onde descreve a costa e o interior do Nordeste a partir de um prisma marcadamente utilitarista, preocupando-se em enfatizar as potencialidades econômicas da colônia.

Raminelli baseia-se no livro clássico *Visão do Paraíso*, de Sergio Buarque de Holanda, publicado inicialmente em 1958.

DIVERSIDADE CULTURAL

Para Holanda, os portugueses não lançaram mão de toda a sua capacidade de fantasiar (edenização) em relação ao Brasil, sobressaindo-se, neste caso, uma visão mais utilitarista e realista do que fantástica.

“O gosto da maravilha e do mistério, quase inseparável da literatura de viagens na era dos grandes descobrimentos marítimos, ocupa espaço singularmente reduzido nos escritos quinhentistas dos portugueses sobre o Novo Mundo. (...)

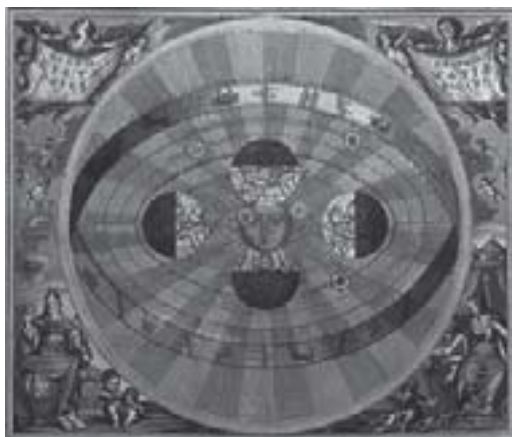
O que, ao primeiro relance, pode passar por uma característica “moderna” daqueles escritores e viajantes lusitanos – sua adesão ao real e ao imediato, sua capacidade, às vezes, de meticulosa observação, animada, quando muito, de algum interesse pragmático – não se relacionaria, ao contrário, com um tipo de mentalidade já arcaizante na sua época, ainda submetido a padrões longamente ultrapassados pelas tendências que governam o pensamento dos humanistas e, em verdade, de todo o Renascimento.”

A descoberta das Índias, os contatos com os povos da Ásia e a vida nos trópicos suscitavam vários debates em ambientes acadêmicos de alguns países europeus. Um desses debates colocava em questão os tradicionais modelos aristotélicos. Outros, giravam em torno da ortodoxia cristã e das adversidades do ultramar.

Entretanto, os portugueses ficaram à margem dos debates em torno desses modelos, conviviam sem conflitos com a ortodoxia cristã e

as diversidades do mar. Os relatos sobre o Novo Mundo passaram despercebidos dos eruditos lusitanos. Os jesuítas em Coimbra não se interessavam com as questões em torno da negação das teorias aristotélicas, da temática em torno da escravização dos índios. Assim, havia quase inexistência de debates teológicos e filosóficos em torno das descobertas advindas da América.

Os relatos sobre os índios do Brasil não causavam muitas indagações acadêmicas no meio universitário de Lisboa. O comportamento dos índios não gerou uma controvérsia como a



Geocentrismo (Fonte: [http:// www.colegiosaofrancisco.com.br](http://www.colegiosaofrancisco.com.br)).

de Valladolid, organizada pelo rei Carlos V em torno do debate a respeito da existência de almas nos nativos do mundo novo. Segundo Raminelli “os intelectuais lusitanos eram pouco sensíveis ao exotismo americano: o canibalismo, as cerimônias gentílicas e a nudez não suscitaram querelas moralistas ou teológicas”.(Raminelli, op. cit, p.21).

OS ÍNDIOS, OS MAMELUCOS E OS PORTUGUESES

Em que fontes poderíamos identificar como o índio foi visto pelos portugueses? Os processos de inquisições são pontos de partida para a análise da percepção do índio pela cultura portuguesa?

Os índios não foram prioridades nos processos da inquisição. Os mamelucos batizados, meio brancos e meio índios, foram mais alvos da inquisição do que os índios. Um exemplo de mameluco preso foi o do sertanista Simão Rodrigues, pesquisado por Andreza Silva em *Híbridos na carne e no espírito: o processo inquisitorial de Simão Rodrigues - 1591-1593*. No seu processo consta comer carne em dias proibidos e foi acusado de “herético e seu delito considerado um atentado contra a fé. Seu crime ficou cognominado crime de gentilidades, por uma prática natural entre os gentios”.(Silva, 2006, p.22).

Simão, ao praticar gentílicas estava se comportando como índios. Comer carne em dias santificados e tatuar o corpo são exemplos de práticas gentílicas.

Mas, por que condenar o mameluco e não o índio?

Simão Rodrigues era batizado e tinha consciência do pecado. Ao comer carne e fazer tatuagem ele sabia o que estava fazendo, não era inocente. Cometia o mameluco atentados à fé.

O índio também pecava, mas não tinha consciência do que fazia.

O crime do mameluco, atentado à fé, poderia ser pago por algumas penas, mas não fogueira.

Assim, pelo processo de inquisição percebemos o índio e o mameluco como um “outro” que mereceria reparos. O primeiro,

bastava catequizá-lo, tornando-o um “bom Cristão”; e o segundo, reeducá-lo nos princípios cristãos. No lugar de debate acalorados, os inquisidores, jesuítas e demais padres, preferiram ações práticas.

O ÍNDIO COMO “DIFERENTE”.

O outro, o índio, causa inquietação em vários lugares da Europa, principalmente na França. No século XVI, grandes coleções foram dedicadas à América, contendo narrativas e inúmeras imagens de índios e paisagens. A coleção “Grandes viagens”, de Theodore de Bry, dedicou grande parte ao enfoque das “novidades” das índias ocidentais, na tentativa de apresentar à Europa uma imagem visual do Novo Mundo. Jean de Léry e Hans Staden fizeram parte dessa coleção, sendo traduzidos em latim, alemão, francês e italiano.

O índio brasileiro despertou curiosidade e estranheza nos franceses. O índio era visto como um “outro” diferente, “exótico”. Olhar alguém como diferente suscita especulações, debates e comparações de sociedades. “Os franceses”- escreveu Raminelli- “desenvolveram uma percepção do outro muito original, buscando encontrar em outras culturas elementos para pensar a própria sociedade francesa”.

E os portugueses, o que pensaram sobre os estranhos costumes indígenas?

Como já apontamos acima, houve um quase silêncio em relação aos costumes tão estranhos à tradição européia. A palavra “diferença”, muita usada entre os franceses para comparar a sua cultura com a dos índios, não era muito usada na comparação que os portugueses faziam com os habitantes da América. Preferiram usar mais o termo “semelhanças”.

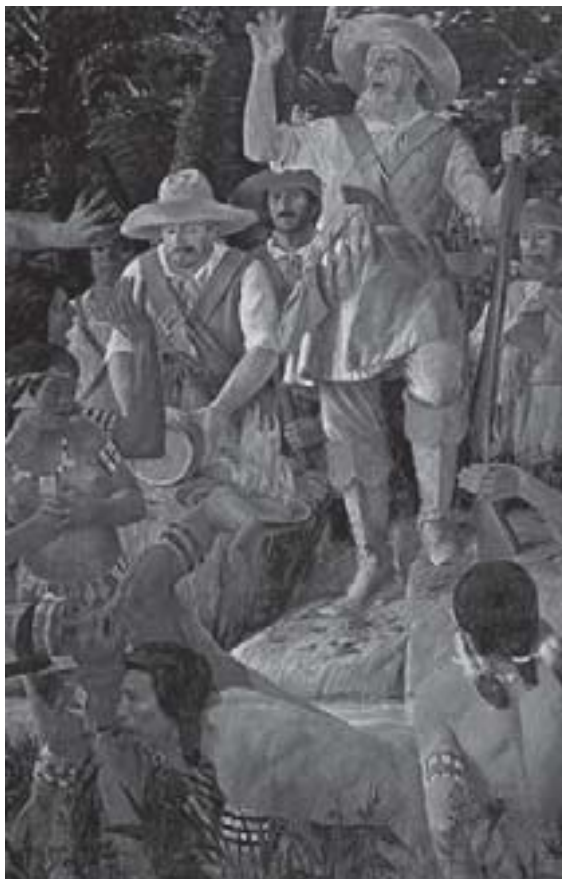
Ao ler atentamente a carta de Toloza você perceberá que os jesuítas encontraram no imaginário indígena o dilúvio e a passagem de São Thomé no Brasil. Enxergaram na cultura indígena o que tinha na cultura cristã portuguesa. As práticas pagãs não seriam diversidades

de culturas, de expressões do ser humano, mas sim desvio do modo cristão, fruto do pecado ou da inocência e atentado do demônio. O bárbaro poderia evoluir e tornar-se cristão.

Então, caro aluno ou querida aluna: o que despertava grande curiosidade nos portugueses?

Vamos recorrer novamente a Raminelli para pensar o que despertava grande curiosidade nos portugueses. As viagens ao oriente despertaram grandes curiosidades entre os portugueses, principalmente a organização do Estado, as hierarquias e o ativo comércio da China. Segundo este autor, um frade denominado frei Gaspar da Cruz “não conteve elogios em relação à organização do Estado chinês”. Os letrados em Portugal ficaram admirados com o Estado, o sistema administrativo, a Justiça e a urbanização do Japão e da China.

Esse olhar de admiração sobre o oriente, expresso nas fontes portuguesas, pode ser interpretado como um retrato da realidade portuguesa da época. Buscava no outro a sua “semelhança”.



Português e indígena (Fonte: [http:// www.eb23-diogo-cao.rcts.pt](http://www.eb23-diogo-cao.rcts.pt)).



ATIVIDADES

Atividade e comentário da atividade (dispostos ao final da aula e também no “desenvolvimento”)

CONCLUSÃO

Vimos nesta aula que o mundo de pertencimento do europeu reflete uma projeção das velhas culturas greco-romanas. Você deve ter percebido como, mesmo entre os europeus, houve diferenças de cultura, marcadamente no exemplo citado acerca do comportamento dos franceses e portugueses ao perceberem o mundo dos índios brasileiros. Interessante notar como os franceses falavam de “diferenças” enquanto os portugueses, mesmo sem aprofundar o debate, falavam de “semelhanças”.

RESUMO



Caro aluno ou querida aluna: depois de estudarmos a carta do missionário Tolosa, e já conhecendo um pouco do mundo de pertencimento dos jesuítas que vieram ao Brasil no século XVI, estudamos nesta aula como era a visão dos europeus. Você viu como se dava a “praticidade” dos portugueses, que nunca se detiveram na análise acadêmica aprofundada da alma do índio, como ocorreu com os franceses, por exemplo. Desta forma, conclui-se que os índios nunca foram prioridade, nem mesmo nos processos de inquisição. Foi assim que, entre os índios e os mamelucos, os inquisidores estabeleciam diferenças, considerando o índio como imputável, como criança! Isso não ocorria com o imaginário do viajante português, que tratou o índio como “semelhante” – no convívio, na guerra, nas relações de sexo – ainda que desenvolvendo uma política de dominação e extermínio.

Ronaldo Raminelli. O índio e o Renascimento português.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Leonor Freire. **Império e grupos mercantis: entre o Oriente e o Atlântico** (século XVII). Lisboa, CNCDP, 2002.
- _____. **O transporte no Atlântico e a Companhia Geral do Comércio do Brasil (1580-1663)**. vol. I, Lisboa: CNCDP, 2002.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso**. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 5 Ed. 1992.
- _____. **Raizes do Brasil**. 26 ed, São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- IMIDIO, Angelina Messias. **“Um soldado da conquista de Sergipe Novo...”**: o processo de inquisição de João Gonçalves (1592). São Cristóvão, 2006, monografia de conclusão do curso em licenciatura em História.
- MATTOSO, José. **História de Portugal**, vol. I e II. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993.
- OLIVEIRA, Marques, A. H. de. **História de Portugal, desde os tempos mais antigos até ao governo do sr. General Eanes**. v. 1. Lisboa: Palas Editores, 1984-1986.
- RANINELLI, Ronald. O índio e o Renascimento português. **História Social**, n. 01, 1994.
- _____. Simbolismo do espaço urbano colonial. In: VAINFAS, Ronaldo (org.). **América em tempo de conquista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- SILVA, Andreza. **Híbridos na carne e no espírito: o processo inquisitorial de Simão Rodrigues (1591-1593)**. São Cristóvão, 2006. Monografia de conclusão de curso em Licenciatura em História.